



FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS  
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA  
LICENCIATURA EM ANTROPOLOGIA

Trabalho de Culminação dos Estudos

**Atração pela capital e outros factores apelativos à migração: Experiências de relações e inserções na cidade de Maputo, Bairro do Maxaquene “B”**

**Autora:** Sónia Tomás Zucule

**Supervisor:** Danúbio Walter Afonso Lihaha

Maputo, Setembro de 2024

**Atração pela capital e outros factores apelativos à migração: Experiências de relações e inserções na cidade de Maputo, Bairro do Maxaquene “B”**

Autora

---

(Sónia Tomás Zucule)

Trabalho de Culminação de Estudos elaborado para obtenção do grau de Licenciatura em Antropologia na Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane.

---

(Supervisor)

---

(Presidente)

---

(Oponente)

Maputo, Setembro de 2024

## **Declaração**

Declaro que este relatório de pesquisa é original. Que o mesmo é fruto da minha investigação pessoal, estando indicadas ao longo do trabalho e nas referências as fontes de informação por mim utilizadas para a sua elaboração. Declaro ainda que o presente trabalho nunca foi apresentado anteriormente, na íntegra ou parcialmente, para a obtenção de qualquer grau académico.

Assinatura

---

(Sónia Tomás Zucule)

## **Dedicatória**

*Dedico a este trabalho aos meus pais, Tomás Zucule e Elisa Manguê pela dedicação e confiança.*

*Ao meu companheiro, Aurélio Oliveira pela confiança e compreensão que depositou em mim, durante todo o percurso de realização deste trabalho. E ao meu filho Edilson Oliveira, que sirva-te de inspiração.*

## **Agradecimentos**

Agradeço a todos que directa ou indirectamente ajudaram a tornar possível a realização deste trabalho. Em especial ao meu supervisor Doutor Danúbio Lihaha que não mediu esforços para tornar este trabalho numa realidade e pela disponibilidade, compreensão e paciência depositada durante a produção deste trabalho, estarei eternamente grata.

Em geral, endereço os meus agradecimentos aos professores do Departamento de Arqueologia e Antropologia por terem em suas aulas transmitido a atitude científica usada ao longo da pesquisa e por servirem de inspiração.

A todos os meus informantes, do bairro do Maxaquene “B” e a estrutura do bairro por terem-me prestado auxílio como informantes durante estes seis (6) meses e que tornaram possível este trabalho. MUITÍSSIMO Obrigada.

Aos meus colegas do curso de Antropologia (2019), em especial: Márcia Luís, Marieta Mandlane, Cardoso Sabonete e Neto Milição que sempre estiveram presente na minha vida estudantil.

Aos meus estimados pais, Tomás Zucule e Elisa Mangué, que tem sido a inspiração, especialmente para o meu empenho académico, por terem acreditado e por não terem medido esforços para que nunca me faltasse nada relacionado a minha vida académica em Maputo. Aos meus irmãos: Egildo, Baptista e Edson que sempre constituíram a minha razão em querer ser alguém cada vez melhor. A minha prima Celestina Vilanculos e à vovó Vilanculos que são a razão pela qual me interessei em ingressar nesta faculdade. Ao meu estimado companheiro, Aurélio Oliveira que sempre esteve presente nos meus estudos como colega e como companheiro. E finalmente ao meu estimado filho Edilson Oliveira que a chegada dele influenciou bastante na elaboração acelerada deste trabalho.

**MUITÍSSIMO OBRIGADA!**

## **Acrónimos e Siglas**

CFM	Caminhos de Ferros de Moçambique
CMCM	Conselho Municipal da Cidade de Maputo
FMS	Fábrica de Móveis Simbine
INE	Instituto Nacional de Estatística
IP	Industria Portuária
PAPF	Faculdade de Arquitetura e Planeamento Físico
RENAMO	Resistência Nacional Moçambicana
UEM	Universidade Eduardo Mondlane

## Glossário

<i>Xironga</i>	Língua pertencente a etnia ronga, originária de Maputo
<i>Xichangana</i>	Língua pertencente a etnia Changana originária de província de Gaza
<i>Mathokosana</i>	Termo atribuído à um jogo de covinhas com recurso a pedrinhas
<i>Xingondo</i>	Termo pejorativo usado para classificar indivíduos provenientes da zona centro e norte
<i>Ntxuva</i>	Termo atribuído à um jogo de tabuleiro denominado Xadrez Africano
<i>Tufa</i>	Termo atribuído à um jogo de dados tradicional
<i>Pidjonce</i>	Termo atribuído à um jogo de corda executado em formato de um cilindro
<i>Maquelimane</i>	Termo usado na pesquisa para denominar pessoas de Quelimane
<i>Partime</i>	Termo usado para designar biscates sazonais
<i>Phandar</i>	Termo usado para designar persistência para mudança de vida
<i>Tsutsi</i>	Nome de uma etnia pertencente a Ruanda

## Resumo

Esta monografia analisa factores apelativos à migração e processos de integração no Bairro do Maxaquene “B”. O estudo procurou identificar as razões que levam os indivíduos a migrarem à Maputo; A natureza da relação estabelecida entre os residentes locais e os que saem das outras províncias e países; As trajetórias de integração social dos migrantes; E por fim, as soluções elaboradas pelas instâncias comunitárias para a manutenção das relações face aos migrantes.

Os resultados do estudo mostram tanto factores colectivos como forças estruturais enquanto condicionantes nas decisões dos indivíduos em migrarem à Maputo, sendo este o elemento mais importante, pois mostrou que existe uma multiplicidade de factores socioculturais e sociopolíticos por detrás do processo migratório.

Portanto, para a realização do trabalho recorri à revisão da literatura e a recolha de dados entre habitantes do bairro do Maxaquene “B”, e também fiz a recolha de dados nas lideranças locais, com recurso às técnicas de observação participante intensiva, estudo de caso, entrevistas semiestruturadas, conversas formais e informais, o uso de fotografias e voz.

**Palavras-chave:** *Migração; integração social; cidade; trajetórias de vida*

## Índice

Declaração.....	i
Dedicatória.....	ii
Agradecimentos .....	iii
Acrónimos e Siglas .....	iv
Glossário .....	v
Resumo .....	vi
Capítulo 1.....	1
Introdução .....	1
1.1. Contextualização.....	2
1.2. Justificativa .....	4
1.3. Problema .....	5
Capítulo 2.....	7
Revisão de literatura .....	7
2.1. Perspectiva da antropologia urbana em relação as tendências de migração urbana .....	7
2.2. Factores migratórios e experiências de integração .....	9
Capítulo 3.....	12
Enquadramento teórico e conceptual .....	12
3.1. Enquadramento teórico .....	12
3.2. Enquadramento Conceptual .....	12
3.2.1 Cidade .....	13
3.2.2 Migração .....	13
3.2.3 Integração.....	13
Capítulo 4.....	14
Metodologia .....	14

4.1 Breve caracterização da Cidade de Maputo .....	14
4.1.1. Localização geográfica .....	15
4.2. A pesquisa do campo .....	16
4.3. Técnicas usadas na pesquisa de campo.....	16
4.4. Observação participante.....	17
4.5. Estudo de Caso.....	18
4.6. Entrevistas semiestruturadas .....	19
4.7. Registos fotográficos e gravação de Voz.....	20
4.8. Constrangimentos da pesquisa.....	20
Capítulo 5.....	21
5.1. Breve caracterização do bairro do Maxaquene “B” .....	21
5.2. Factores que desencadeiam a migração e sua natureza .....	23
5.3. Relação estabelecida entre os residentes locais e os que saem das outras províncias e países .....	25
5.4. Trajectória e experiências de integração dos migrantes (estudo de caso) .....	28
5.5. Soluções elaboradas pelas instâncias comunitárias para o desenvolvimento e a manutenção dessa relação .....	34
Capítulo 6.....	37
Considerações Finais .....	37
Referências bibliográficas.....	39

## **Capítulo 1**

### **Introdução**

Factores apelativos à migração tendem a ser diversificados e subjetivos, Pires (2003) analisa as motivações que levam as pessoas a migrarem, o autor afirma que a migração é caracterizada por uma multiplicidade de razões que variam de acordo com o próprio indivíduo.

Deste modo, a perspectiva teórica supracitada levou-me a conduzir esta pesquisa com objectivo geral de analisar factores apelativos à migração e processos de integração no Bairro do Maxaquene “B”, em termos específicos os objectivos foram de (i) Explorar diversos factores que desencadeiam a migração e sua natureza; (ii) Identificar a relação estabelecida entre os residentes locais e os que saem das outras províncias e países; (iii) Descrever a trajectória de integração dos migrantes (estudo de caso); (iv) Comparar as soluções elaboradas pelas instâncias comunitárias para o desenvolvimento e a manutenção dessa relação.

A pesquisa mostrou (4) quatro grupos de factores que levam indivíduos a migrarem, dos quais dividem-se entre pressão e atração. Primeiro são factores sociais e políticos, na qual encontramos razões como conflitos armados, perseguição racial-étnica nos países e províncias de origem. Segundo encontramos factores demográficos e económicos, neste contexto, temos razões como desemprego, busca de oportunidades ou melhores condições de empregabilidade e financeiras. Terceiro encontramos factores relacionados a serviços sociais, como educação, melhores serviços de saúde, e segurança de vida. O último, consiste no factor atrativo, manifestações culturais e religiosas, entretenimento-diversão e até liberdade de circulação e de estilo de vida.

Relativamente ao processo de integração, argumento que a inserção e integração urbana e as relações estabelecidas são fortemente marcadas por desafios de adaptabilidade nas vivências por parte dos migrantes e condicionantes de aceitação por parte dos “nativos”, facto que muitas das vezes acaba provocando uma crise de identidade e apropriação mútua de preceitos culturais por ambas partes.

Para a realização do trabalho recorri à revisão da literatura e a recolha de dados entre habitantes do bairro do Maxaquene “B”, e também fiz a recolha de dados nas lideranças locais, com recurso às técnicas de observação participante intensiva, estudo de caso, entrevistas semiestruturadas, conversas formais e informais, o uso de fotografias e voz.

Esta monografia é constituída por seis (6) capítulos, sendo o presente capítulo introdutório o primeiro e que também apresento a contextualização do estudo, abordo sobre o problema, os objectivos do estudo e justificativa.

No segundo capítulo, apresento revisão de literatura. No terceiro capítulo dou a conhecer o enquadramento teórico e conceptual. No quarto capítulo descrevo a metodologia, onde dou a conhecer o contexto em que a pesquisa foi realizada, as técnicas e instrumentos de recolha de informação usados na pesquisa de campo e o tipo de informação que as mesmas possibilitaram obter. Apresento também os desafios encontrados no decurso da pesquisa e a forma pelas quais foram superados.

No quinto capítulo é a apresentação e discussão dos dados, descrevo os resultados da pesquisa que são analisados, discutidos e articulados de acordo com o quadro conceptual e teórico proposto no projecto, igualmente apresento a trajectória de três migrantes com quem tive maior interacção durante a pesquisa de campo.

No Sexto e último capítulo é a conclusão do relatório onde anuncio e descrevo as principais conclusões que a pesquisa trouxe e as abordagens que acompanharam o estudo.

### **1.1. Contextualização**

Um dos problemas na actualidade nos países em desenvolvimento consiste no crescimento desenfreado e desordenado das cidades, sobretudo por causa dos movimentos migratórios internos e de natureza internacional que são causados entre outros factores, pelas calamidades, guerras e a degradação da vida nas zonas rurais (Loforte 1987). Moçambique, tal como acontece em outros países menos desenvolvidos, não escapa a essa lógica e a cidade de Maputo, por sinal a capital do país, tem sido o principal destino dos fluxos populacionais interno e externo. A cidade de Maputo não é apenas capital e a maior cidade de Moçambique, mas também o principal centro político, financeiro, corporativo e mercantil do país.

O maior crescimento populacional que a cidade do Maputo teve, registou-se na primeira década de (1970-1980). Os principais factores que contribuíram para esse crescimento sobretudo nos primeiros 5 anos da independência nacional são: o elevado crescimento natural derivado da queda muito acentuada da mortalidade impulsionada pelas melhorias das condições gerais de saúde, educação, habitação, entre outras, num momento em que a natalidade aumentava INE (1998), e o aumento da importância da cidade do Maputo como principal pólo de desenvolvimento passando a atrair mais imigrantes das áreas rurais e das outras cidades do país Araújo (1997).

Os factores tradicionais que regem os movimentos migratórios populacionais em direcção as cidades a procura de emprego, e melhores condições de vida, em combinação com factores de ordem jurídica e conjuntural, tais como a guerra civil, as calamidades naturais (sobre tudo a seca, e cheias) são as principais responsáveis pela elevada migração rural-urbano que presentemente se assiste em Moçambique (Araújo e Raimundo, 1999). E esta, como refere Oucho e Gould (1996), Beaujeu-Garnier (1997), Araújo (1997) e outros é uma das fortes componentes do crescimento demográfico urbano.

A cidade de Maputo regista actualmente, um crescimento populacional de 1,2 por cento por ano, equivalente a metade da média nacional, calculada em 2.4 por cento. Segundo os resultados do 3º Censo Geral da População e Habitação, divulgados pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), a cidade de Maputo contava com 1.094.315 habitantes em Agosto de 2007, contra 966.800 registados em 1997.

O censo de 2007 apontou uma população de 1.094.315 habitantes, um crescimento de 13,2% em relação ao censo anterior realizado em 1997, onde foram apurados 966.837 habitantes. Este crescimento populacional equivale a 1,2% ao ano, metade da média nacional de 2,4%. Segundo o INE (Instituto Nacional de Estatística), este crescimento populacional lento em Maputo é resultado da migração para a província de Maputo, principalmente para as zonas de expansão habitacional nos distritos de Boane, Marracuene e cidade da Matola.

O INE relata ainda que entre 2006 e 2007, a cidade de Maputo recebeu de outras províncias 26.038 pessoas, por outro lado, 39.614 saíram para a província de Maputo, contudo isso nos leva a perceber que os residentes nativos na sua maioria mudaram-se para o município da Matola mas em contra partida pessoas de outras províncias vieram a capital.

Com uma área de 347,69 km<sup>2</sup>, a Cidade de Maputo é habitada por 1.094.315 pessoas das 20.530.714 que perfazem o universo da população abrangida pelo III Recenseamento Geral da População e Habitação de 2007 em Moçambique (Censo 2007). Com base em dados divulgados pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), apurou-se que vive na capital moçambicana 5.3% da população total, contra 6.1% registado no Censo de 1997 quando a população total do país era de 16.099.246. Significa isso que de 1997 a 2007, a população da capital moçambicana incrementou em 112.261 pessoas, um aumento de 0.8%.

A relevância na realização deste estudo consiste na fundamentação de que os factores que caracterizam processos migratórios são subjetivos e condicionados por uma multiplicidade de apelações tanto de natureza, social, económica, ecológica e política, configurando assim numa dimensão rica em analisar a natureza dos factores e sua dinâmica na forma como os indivíduos olham e imaginam a cidade e processos de inserção.

## **1.2. Justificativa**

A escolha do tema, deveu-se fundamentalmente a duas razões. A primeira, decorreu da experiência que tive com um conhecido residente no bairro do Maxaquene, proveniente da província de Zambézia, a qual este veio em busca de emprego na indústria de cerveja e açucareira. A segunda razão é meramente metodológica, na medida em que existe umas tendências teóricas em associar o processo migratório apenas a busca de melhores condições de vida e oportunidades, guerra da independência e civil, pouco abordando sobre outros factores apelativos à migração que tendem a ser subjetivos e de natureza individual e complexo.

Numa perspectiva antropológica, o estudo torna-se um desafio e um contributo importante no estudo das dinâmicas do êxodo rural e das experiências urbanas. Magnani (2002) propõe olhar sobre a cidade e sua dinâmica através do método etnográfico, e sustenta que as grandes cidades certamente são importantes para análise e reflexão, não apenas porque integram o chamado sistema mundial e são decisivas no fluxo globalizado, mas também porque concentram serviços, oferecem oportunidades de trabalho, produzem comportamentos e determinam estilos de vida.

Essa pesquisa do campo da antropologia urbana também serviu para desmistificar a concepção tecnicista sobre a estrutura urbana que olha a cidade num sentido de fins práticos, formais e pouco abordando sobre os impactos problemáticos que surgem no processo de contactos e morfologia de

diversidades cultural. Como afirma Ribeiro (2013) para Antropologia urbana a cidade surge como um local de pesquisa dotado de várias manifestações culturais tão interessantes quanto às das sociedades simples, e que é papel dos cientistas sociais compreender esta realidade, visto que ela passa cada vez mais a ser o cenário fundamental dos indivíduos na modernidade propiciado pelo sucessivo êxodo rural.

### **1.3. Problema**

Actualmente a cidade de Maputo tem sido alvo de um intenso movimento migratório nacional e internacional, no passado este processo de mobilidade foi associado a constrangimentos da guerra da independência, civil e calamidades naturais. Hoje, é associado a necessidade da busca de melhores condições de vida e concentração de serviços sociais (como instituições públicas), capital do comércio formal e informal, motivações que tendem a configurar a cidade de Maputo como um campo de possibilidades e oportunidades (Oliveira 2022).

A literatura consultada e a dimensão empírica constatada demonstra um paradoxo na forma como as migrações nacionais e internacionais são experienciadas em Moçambique, na qual tem sido motivo de debates, discussões e do aumento de discursos preconceituosos, xenofóbicos e estereotipados que sustentam a ideia cada vez mais emergente de uma identidade ou uma cultura essencialmente regional ou nacional.

Estudos antropológicos olham as grandes cidades como palco de uma realidade complexa e múltipla em todos os sentidos, como culturais e sociais, e estão em constante transformação (Velho 1973). Chama atenção sobre estudos tendenciosos macroestruturais que estudam a dinâmica da cidade por meio de ações de pessoas consideradas como “competentes” deixando lacuna a análise da dinâmica da cidade por meio de acções dos habitantes propriamente ditos (Magnani 2002: 15).

A literatura consultada sobre a mobilidade migratória para grandes cidades de Moçambique nos remete não apenas a caracterização por critérios funcionais, mas também políticos, sociais e ambientais e não só, a literatura da geografia, arquitectura, urbanização e ecologia demonstra uma tendência tecnicista sobre o processo de migração e inserção destes, abordando num sentido de fins práticos, formais sobre dinâmicas estruturais de degradação dos espaços e alteração de aspectos urbanísticos, pouco abordando sobre factores que levam os indivíduos a migrar a cidade de Maputo e experiências de integração.

É neste contexto, que propomos a seguinte pergunta de partida: *Quais factores levam pessoas a migrar e como experienciam a integração na cidade de Maputo, Bairro do Maxaquene “B”*

## Capítulo 2

### Revisão de literatura

Na revisão de literatura faço uma descrição sobre os principais elementos e estudos que caracterizam o processo de migração urbana em diferentes áreas de conhecimento com mais ênfase para os estudos do campo antropológico. Para o efeito, organizei a literatura em duas partes, primeiro abordo sobre as perspectivas da literatura antropológica em relação as tendências de migração urbana, na segunda parte, sobre processo migratório e experiências de integração.

#### **2.1. Perspectiva da antropologia urbana em relação as tendências de migração urbana**

Para Ribeiro (2013:9) a modernidade e pós-modernidade, tal qual a vivenciamos hoje, está marcada por diversas características importantes, e uma delas é o crescimento de grandes cidades derivada fundamentalmente da Revolução Industrial e do desenvolvimento do capitalismo. As transformações sofridas a partir destes eventos foram profundas e modificaram a vida social das cidades e dos indivíduos que a habitam.

Na perspectiva de Velho (1973) as grandes cidades são palco de uma realidade complexa e múltipla em todos os sentidos, como culturais e sociais, e estão em constante transformação. Esta multiplicidade pode se expressar nos traços pessoais, nas ocupações, na vida cultural e nas ideias dos habitantes da comunidade urbana, podendo resultar em separações espaciais dos indivíduos de acordo com essas características.

A partir disso, um novo cenário é criado com sujeitos, identidades e características diferentes tornando-se um grande desafio teórico para as Ciências Sociais como um todo. Ao afirmarmos que a cidade é característica fundamental da modernidade e pós-modernidade não queremos dizer que estas não existiam na época pré-industrial e pré-capitalista, mas que tinham um caráter diferente do que têm hoje. Além disso, é importante lembrar que as cidades, mesmo as da atualidade, variam de uma para outra, podendo uma ser definida pelo seu grau de industrialização e outra pelo seu comércio, por exemplo (ibid).

Portanto, relativamente ao processo migratório aos centros urbanos, a literatura antropológica anuncia a tendência sobre os estudos da cidade ou centros urbanos, na qual chama de “crença pela cidade”, ou seja, é marcado pela migração do campo para a cidade, neste contexto a cidade é vista como o centro de oportunidade, Loforte (2000) sustenta que os migrantes com base em seus valores identitários expandem e alteram a morfologia da cidade.

A literatura antropologia aborda sobre razões de interesses desenvolvimentistas no âmbito das transformações dos centros urbanos, Magnani (2002: 13) argumenta que a transformação da cidade foi estudada como resultado de forças económicas transnacionais, das elites locais, das associações, de *lobbies* políticos, variáveis demográficas e interesse imobiliário. O mesmo autor argumenta ainda que a noção de centro da cidade foi baseada num tipo de cenário de vida pública, preso na dimensão da cidade da alta idade média europeia ou mesmo cidade-estado antiga, cuja centralidade era simbolizada e garantida por algumas instituições que dominavam o espaço público (Magnani 2002: 15). Alguns autores como Low (1996) e Agier (2009) partilham a ideia da existência de tendência em estudar a dinâmica da cidade por meio de acções de pessoas considerados por Magnani (2002: 15) como “competentes” facto que deixa como lacuna a análise da dinâmica da cidade por meio de acções dos habitantes propriamente ditos.

Ao falar sobre a atração de localidades distantes para dentro da cidade, Ribeiro (2013) aborda a questão da migração, cada vez mais crescente, do campo para a cidade, sendo esta uma das mais significativas transformações da era moderna. Para aqueles que migram da zona rural para a área urbana, “a cidade é encarada como um espaço de liberdade e possibilidades, na medida em que o emprego regular é visualizado como uma segurança e independência, inexistentes no campo.

O estudo de Loforte (1987) aborda o papel das redes de parentesco na inserção dos migrantes oriundos do meio rural na cidade de Maputo. Este estudo mostra também que há toda uma rede de parentes empenhados em garantir a partida dos migrantes do meio rural e a sua integração na cidade de Maputo. Manjate (2007) analisa o processo de integração a partir dos mecanismos pelos quais as redes de solidariedade funcionam como intervenientes. Esta autora afirma que as redes de solidariedade aparecem como estratégias de sobrevivência.

## 2.2. Factores migratórios e experiências de integração

Lia (2011) no seu estudo no campo sociológico, sobre *O'' sucesso da vergonha'' estudo de caso: zambezianos no mercado estrela vermelha em Maputo* afirma que os factores tradicionais que regem os movimentos migratórios populacionais em direcção as cidades a procura de emprego, e melhores condições de vida, em combinação com factores de ordem jurídica e conjuntural, tais como a guerra civil, as calamidades naturais (sobre tudo a seca, e cheias) são as principais responsáveis pela elevada migração rural-urbano que presentemente se assiste em Moçambique.

Na perspectiva de Franze (2021) esta revalorização do espaço urbano é consequência de um desenvolvimento socioeconómico assinalável que os municípios de Moçambique vem registrando nos últimos anos, mercê do processo de globalização e da crescente utilização de meios tecnológicos. O processo industrial verificado há anos atrás, tem sido responsável pela migração, quer interna, quer externa, e consequentemente leva a que os espaços outrora planeados sejam exíguos para atender a tamanha mobilidade residencial. No país, pela heterogeneidade étnica cultural no mesmo bairro, os moradores estão distribuídos em áreas ou sectores, onde os de alta renda procuram como primeira opção morar em terrenos localizados e bem urbanizados, repelindo se automaticamente dos residentes de baixa renda, pelo custo na sua aquisição e permanência no local.

Apesar de ser uma temática amplamente explorada na Geografia, alguns antropólogos como Basham (1978) exploraram as motivações e preferências dos indivíduos para migrarem para a cidade. Este autor questiona se as pessoas são impelidas para a cidade pelo conjunto de oportunidades oferecidas por esta, ou se as causas da dispersão rumo à cidade estão na cidade ou no campo. Portanto, esta visão coloca em causa a perspectiva industrialista de Franze acima.

Existem factores que atraem e empurram o indivíduo para a cidade. De entre os factores que atraem os indivíduos para a cidade, destacam-se a progressão na carreira profissional e a economia monetária. Os factores que empurram os indivíduos para a cidade são aqueles que fazem com que eles se dirijam à cidade sem saber o que lhes espera, porque o seu meio rural é muito simples, não dando muita chance de singrar na vida (ibid).

A literatura sociológica e antropológica, nos remete a uma experiência bastante conflictiva nas relações que derivam do processo de migração e inserção, portanto existem dois grupos de teorias

sociológicas sobre as migrações, nomeadamente: as micro-sociológicas e as macro-sociológicas. Nas teorias micro-sociológicas destaca-se o papel do agente individual. Por muitas que sejam as condicionantes externas à sua decisão, trata-se de um contexto económico ou do contexto social de acção. É a racionalidade individual que no limite conjuga estas envolventes e promove a decisão de mobilidade (Peixoto, 2004).

A maior parte das teorias micro-sociológicas apresenta uma raiz económica que deriva da economia neo-clássica, sobretudo incorporados no modelo *push-pull* e mais recentemente na escola do capital humano. De entre os factores *push-pull* destacam-se a mão-de-obra ou trabalho nas áreas urbanas, alta circulação de capital, mais bens de consumo disponíveis, maior acesso a bens e serviços e comodidades (Peixoto, 2004; Bilale, 2007).

No contexto do Brasil, um dos estudos a que recorreremos é o estudo de Maia (2002) denominado *Migrações e Redes de Relações Sociais em Meio Urbano: um exemplo a partir do Porto*. Este autor aborda a questão das redes de relações sociais a partir da fixação dos migrantes estabelecidos há mais tempo, e entre os migrantes e os que permanecem nos espaços de origem, tanto familiares como conterrâneos. Chama atenção para o papel das redes de parentesco nos processos migratórios e na condição dos migrantes em relação às sociedades de acolhimento e de origem.

As relações sociais primárias de carácter familiar a par das relações étnicas são indispensáveis na fixação dos migrantes ao meio urbanos e permanências intensas após a estadia, tanto por contactos à distância a partir dos que migram e os que ficam na terra de origem (Maia, 2002: 60).

Lia (2011) no seu estudo, traz-nos uma perspectiva controversa, na qual afirma que a permanência no caso dos migrantes oriundos da província da Zambézia face as dinâmicas e dificuldades de inserção deve-se a vergonha de regressar à zona de origem sem ter logrado o sucesso desejado, cuja vergonha que ora enfrentaria ou consistiria em sentir-se excluído do grupo (famílias, amigos, vizinhos) a quando a sua chegada a Zambézia. E outro motivo pelo facto de não conseguir responder as necessidades dos seus familiares a quando a sua chegada, porque estando no Maputo conseguem fazê-lo, voltando tem receio de não satisfazer.

Em geral, na literatura é possível compreender que o processo de integração dos migrantes que vem para trabalhar nas indústrias tendem a ser bastante problemático devido tanto as razões que

levam esses a saírem das suas regiões de origem assim como o processo de inserção e socialização que estes vem experienciar no contexto dos centros urbanos.

## Capítulo 3

### Enquadramento teórico e conceptual

#### 3.1. Enquadramento teórico

Neste trabalho sigo a sugestão teórica e analítica de Agier (2011) e Moura (2013) que nos chamam a conhecer singularmente as cidades a partir dos cidadãos e de sua experiência quotidiana, de seus lugares de vida e situações concretas, na medida em que são os cidadãos que nos informam melhor sobre a cidade e as situações por eles vivenciadas configuram os melhores nichos de observação e análise. Neste caso, é importante isentar-se da noção sobre “o que é” a cidade, mas “o que faz” a cidade, vê-la como processo humano, vivo e complexo. Nesta pesquisa, propus-me a repensar e questionar as análises macroestruturais que consiste em estudos mais de carácter sociológico como de Park, Wirth e Redfield, seguindo a sugestão de autores como (Agier 2009; Frúgoli Jr 2000; Moura 2013; Magnani 2002) que tem alçado a cidade ao status de objecto do conhecimento, e não mais de um pressuposto teórico ou de um recorte territorial delimitado, assim adoptando abordagens microestruturais e singularizadas sobre os centros urbanos.

Por último, propus-me em conjugar com a abordagem de “Campo de Possibilidades” de Velho (1973), na qual propõe que a cidade não somente é, em graus sempre crescentes, a moradia e o local de trabalho do homem moderno, como é o centro iniciador e controlador da vida econômica, política e cultural que atraiu as localidades mais remotas do mundo para dentro de sua órbita e interligou as diversas áreas, os diversos povos e as diversas atividades num universo.

As perspectivas supracitadas foram importantes na medida em que, possibilitaram compreender que as experiências e vivências em contextos urbanos possuem configurações específicas e isso as torna interessante em compreendê-las contextualmente distanciando-se das narrativas que tendem a homogeneíza-las.

#### 3.2. Enquadramento Conceptual

Os principais conceitos que nortearam a pesquisa são: Cidade, Migração e integração.

### **3.2.1 Cidade**

A cidade é uma entidade individualizadora com certa dimensão e densidade onde se desenrola um conjunto expressivo e diversificado de actividades, isso inclui a forma de ocupação do território, as actividades económicas desenvolvidas no seu interior, que em larga medida são subsidiárias das regiões tributárias, e o modo de vida dos habitantes, cada um destes vectores adquirindo sentido, principalmente, por comparação e oposição ao mundo rural (Salgueiro 1992: 26).

### **3.2.2 Migração**

Na perspectiva de Pires (2003) a migração pode ser compreendida como movimentos realizados por um indivíduos de um país ou região para outro/a temporariamente ou permanentemente. Neste âmbito os autores propõe duas dimensões migratórias, as internas e regionais que é movimento de pessoas de um lugar geográfico ao outro, dentro dum país com mudança de residência e as migrações internacionais que consiste no movimento de pessoas oriundas de outros países.

A perspectiva acima vai ao encontro dos objectivos do estudo, na medida em que envolve tanto indivíduos nacionais, como de outros países que migram para a cidade de Maputo por diversas razões.

### **3.2.3 Integração**

É um processo individual e colectivo a um novo *modus vivendi* próprio ou colectivo que seja de origem diferente. Desta forma as pessoas integram-se, quando se incluem num novo conjunto sociocultural e económico (Maia, 2002). O conceito de integração acima proposto por Maia tem o mérito de mostrar que os migrantes, ou qualquer outro migrante independentemente de ser interno ou internacional, tem que se integrar na ordem social e económica vigente no local para onde partiu e passar a reger a sua vida em função dos ditames da sociedade de acolhimento.

## **Capítulo 4**

### **Metodologia**

No presente capítulo dou a conhecer o contexto em que a pesquisa foi realizada, as técnicas e instrumentos de recolha de informação usados na pesquisa de campo e o tipo de informação que as mesmas possibilitaram obter. Apresento também os desafios encontrados no curso da pesquisa e as formas pelas quais foram superados

#### **4.1 Breve caracterização da Cidade de Maputo**

A cidade de Lourenço Marques actualmente Cidade de Maputo, ascendeu de vila à categoria de cidade há 10 de Novembro de 1887 por decreto real, a partir do dia 3 de Fevereiro de 1976 a capital de Moçambique passa a ser designada cidade de Maputo durante um comício público proferido pelo primeiro Presidente da República Popular de Moçambique, Samora Moisés Machel (Lemos 1987: 12-13).

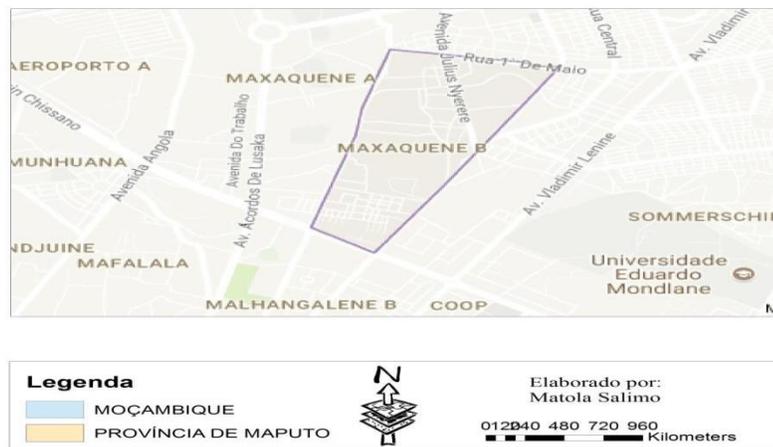
Os grupos humanos presentes na região de Maputo resultaram de um gradual processo de ocupação que se terá iniciado no primeiro milénio da nossa Era, tendo organizado em várias unidades políticas e desenvolvimento em língua comum, o Xirhonga, actualmente predominando também o Xi-changana e por sua natureza multiétnica, outros dialetos provenientes de diversos pontos do país.

Segundo o último Censo (2017) a cidade de Maputo possui uma população de 1.120.867 de habitantes. Situada na extremidade do sul do país, no litoral interior com mesmo nome. Devido a sua importância política e económica e também a dimensão da sua população a cidade de Maputo tem estatuto de província, cuja jurisdição corresponde a área do município. A área do município é de 346,7 quilómetros quadrado, comportando 64 bairros divididos em 7 distritos urbanos: KaMpfumu, KaMaxakeni (Maxaquene), Nhlamankulu (Chamanculo), KaMavota (mavota), KaMubukwana (Mubukwana), KaTembe (Catembe) e KaNyaka (Inhaca) (CMCM 2022).

A sua estrutura organizacional politica, a autarquia constitui na categoria A entre os municípios de Moçambique, é dirigida desde Novembro de 1998 por um conselho Municipal, órgão executivo colegial, constituído por um presidente para um mandato de cinco anos e vereadores por ele designados. O conselho municipal é fiscalizado pela Assembleia Municipal, composta por membros também eleitos por votos directo (Ibid).

#### 4.1.1. Localização geográfica

**Figura 1: Mapa da Cidade de Maputo- PAPF/UEM (2016).**



## **4.2. A pesquisa do campo**

Nesta secção descrevo a minha experiência do campo, desde a entrada, a forma como dialoguei com as pessoas e os locais da observação participante. Descrevo igualmente as técnicas adoptadas para analisar as relações estabelecidas no bairro do Maxaquene “B” no contexto de indivíduos que saem das outras províncias e países para integrar-se e trabalhar nas indústrias da cidade de Maputo.

Esta pesquisa foi realizada em três fases: a primeira fase ocorreu entre os meses de Novembro e Dezembro do ano 2022 consistiu em pesquisa exploratória, revisão de literatura e elaboração da proposta de pesquisa. A segunda fase da pesquisa decorreu entre Janeiro à Junho do ano 2023 e consistiu na realização da pesquisa de campo. A terceira e última realizou-se entre Julho de 2023 à Fevereiro de 2024, que consistiu na análise dos dados.

A comunicação com os informantes da pesquisa foi feita em língua portuguesa e combinada com a língua Chi-changana. Para esta pesquisa privilegiei os seguintes perfis de interlocutores: residentes do bairro do Maxaquene “B” nomeadamente: primeiro momento privilegiei (5) interlocutores que estão há mais tempo no bairro do Maxaquene “B”, segundo (3) interlocutores que tenham migrado há mais de cinco anos e (2) interlocutores que estejam há menos de dois anos. No terceiro momento a pesquisa centrou-se na entidade comunitária do bairro, que consistiu numa entrevista etnográfica a (2) chefes de quarteirão do Maxaquene “B” e por fim (1) secretário do bairro.

Não menos importante, os meios de informação tiveram um papel crucial nesta empreitada, desde relatos sobre o estudo em questão nas televisões, rádios, jornais e redes sociais. Pina Cabral (2006: 189-190) afirma que o uso diversificado das fontes de informação permite alcançar a “visão holística” da realidade pesquisada.

## **4.3. Técnicas usadas na pesquisa de campo**

Na realização da presente pesquisa antropológica, usei o método etnográfico, seguindo a sugestão de Cardoso de Oliveira (2006: 18), olhar, ouvir e escrever aquilo que acontece no campo de pesquisa. Este autor acrescenta ainda que o pesquisador deve registar rituais, hábitos e gestos por

mais insignificante que pareçam, na medida em que cada acção do entrevistado nos diz algo e que poderá influenciar na pesquisa.

Neste âmbito privilegiei o uso das técnicas de observação participante, que incluíram o registo fotográfico e entrevistas semi-estruturadas orientadas por um guião de questões. Privilegiei estudo de caso, através de entrevistas extensivas com alguns habitantes privilegiados que me acolheram desde o primeiro dia do trabalho de campo como meus informantes, seguindo a proposta apresentada por Gluckman (1987). Gluckman utilizou o método de análise situacional para compor sua pesquisa na Zululândia moderna, analisa a relação a partir de uma situação específica: a inauguração de uma ponte, onde estavam presentes tanto brancos (equipe administrativa, policiais e líderes) quanto zulus (chefes locais, trabalhadores que construíram a ponte e residentes das proximidades). Para este caso específico, o evento que orientou a análise situacional desta pesquisa foi de acompanhar a história de vida de migrantes na qual tive maior interação, a sua trajectória individual e a sua experiência quotidiana.

#### **4.4. Observação participante**

Na observação participante, acompanhei o dia-a-dia dos sujeitos de pesquisa e as suas relações com os habitantes do bairro, tendo como foco as acções realizadas pelos próprios migrantes dentro do seu contexto de utilização do espaço urbano. Esta forma de proceder Magnani (2002) denomina de “olhar etnográfico: de perto e de dentro”. Ao conciliar essas duas técnicas foi possível descrever o modo como os indivíduos fazem o uso do espaço urbano.

No primeiro dia da realização do trabalho do campo (8/01/2023) num domingo, na qual era o dia adequado para sair a caça aos informantes por não ser um dia laboral, a perspectiva era de rastrear os informantes nas suas respectivas casas. Infelizmente, constatei um ambiente movimentado pelo bairro, na qual as famílias regressavam aos cultos nas igrejas.

Neste caso, sendo que o contexto não me era familiar e não conhecia ninguém próximo pelo bairro, decidi fazer um estudo de viabilidade do campo de pesquisa durante aproximadamente 3 dias sem necessariamente entrar em contacto com os moradores. Neste tempo pude perceber a forma como os indivíduos se relacionam, os *hobbies* do bairro e as estratégias de sobrevivência que os habitantes do bairro inventam no seu quotidiano no uso do espaço urbano, por mais peculiaridade

e complexo que parecesse, eu ficava atento aos detalhes que faziam-me questionar e comparar com a minha experiência de socialização e junto ao bloco de notas fazia o registo.

Nas primeiras aproximações aos moradores do bairro do Maxaquene “B”, constatei uma resistência no fornecimento de informação alegadamente por falta de tempo. Alguns informantes, sugeriram para que fosse ter com os chefes de Quarteirão 14, 18 e 19 pois esses eram os que poderiam dar subsídios concretos sobre os informantes que eu estava a procura.

Dito isso, (29/01/2023) decidi seguir a sugestão e procurar as casas dos chefes de quarteirão, foi com o chefe Feliciano do quarteirão 19 que comecei a ver algum sinal de normalização da minha presença no bairro, pois foi paciente e soube, me conduzir aos informantes que eu estava a procura e este acto fez com que me sentisse aceite e esperançada no bom andamento da minha pesquisa.

Após ter com o chefe do quarteirão, decidi elaborar uma agenda de interação com os migrantes em função dos dias e horas que lhes fosse conveniente e que não criasse constrangimento com a agenda desses. Foi quando apareceu a ideia de fazer um acompanhamento intensivo aos informantes no âmbito de conhecer a história de vida e o processo de inserção e integração no bairro supracitado por meio de um estudo de caso isolado, foi no total de 3 casos aprofundados que relatarei na secção a seguir.

Registei as notas da observação no bloco de notas e fiz a gravação de algumas entrevistas através do telemóvel. No final do dia compunha todas as notas e fazia o relatório do dia em casa. A partir dos dados do diário de campo e dos áudios, semanalmente produzia um relatório de pesquisa de campo contendo reflexões da pesquisa realizada ao longo da semana e elaborava o plano para a semana a seguir.

#### **4.5. Estudo de Caso**

Como referi acima, privilegiei o estudo de caso ou análise situacional, neste contexto concentrei-me em analisar a trajectória individual de três migrantes por mim entrevistado, de uma forma detalhada, através da sua história de vida, e sua experiência de inserção e integração como migrantes, o que me permitiu reconstruir e descrever a sua configuração de integração no contexto urbano da cidade de Maputo, os desafios enfrentados para o mercado de emprego.

Yin (2001) define o estudo de casos múltiplos como aquele no qual o investigador dedica-se à análise de mais de um caso de observação na mesma pesquisa para responder às mesmas questões. Essa técnica possibilitou a compreensão de dinâmicas individuais de formas que os migrantes que experienciam no processo de integração urbana e a forma como esses apropriam o uso do espaço e relações estabelecidas com os residentes locais “nativos”, isso propiciou uma configuração dos modos viventes desenvolvidos no contexto urbano.

Nesta técnica observei pontos importantes para a compreensão do trabalho do campo e de quão esse pode ser dinâmico e em certos momentos, surpreender-nos, uma dessas lições apreendidas neste âmbito foi pela excessiva incompatibilidade sobre aquilo que os indivíduos dizem e com o que fazem. Esta dinâmica, nos é descrita enquanto a lição malinowskiana das distinções clássicas daquilo que nossos interlocutores dizem, daquilo que fazem e daquilo que dizem sobre o que fazem (Malinowski 1997).

Entretanto, esta foi uma lição bastante intrigante nestas subjectividades das vivências sociais, assim como Fry (2011) nos ensina, o que as pessoas fazem e dizem em situações sociais que podemos observar valem, muito mais que entrevistas formais, que tendem a apanhar posições normativas.

#### **4.6. Entrevistas semiestruturadas**

As entrevistas semiestruturadas foram orientadas por um guião de questões e por questões que surgiam das conversas e convivência com os migrantes e habitantes do Bairro do Maxaquene “B”. As entrevistas semiestruturadas permitiram que eu construísse as suas trajectórias de vida. As entrevistas foram realizadas frente-a-frente, seguindo a postura metodológica de Marconi e Lakatos (2009). Esta técnica e procedimento ofereceram informações necessárias para o aprofundamento e desenvolvimento da pesquisa. No decurso da entrevista segui as informações e pistas dadas pelos interlocutores da pesquisa no decorrer de entrevistas semiestruturadas anteriores e das conversas com outros interlocutores. Essa acção permitiu aprofundar e obter informação detalhada sobre as dinâmicas das suas vivências.

Sendo que a minha pesquisa do campo estava dividida em fases, as narrativas dadas pelos migrantes criavam espaço para reproduzi-las como questões e confrontá-las junto as lideranças

comunitárias, facto que foi bastante produtivo para a pesquisa tentando compreender o como essas experiências são construídas.

#### **4.7. Registos fotográficos e gravação de Voz**

O registo fotográfico e a gravação de entrevistas foram importantes no decurso do trabalho de campo, pese embora desafiador devido ao receio dos interlocutores em ter sua identidade exposta no trabalho, por isso quase 80% do registo das entrevistas foi através de bloco de notas e memorização.

Usei o meu celular para gravar as entrevistas e fotografar, mas antes pedia a permissão do interlocutor. O registo fotográfico permitiu identificar algumas das características da área do estudo, desde a forma pela qual os migrantes desenvolvem as suas actividades e de como se relacionam com as pessoas pelo bairro.

#### **4.8. Constrangimentos da pesquisa**

A minha experiência de pesquisa de campo foi marcada por desafios mais que constrangimento, configuram-se em lições epistemológicas na produção do conhecimento antropológico, lições essas tiradas a partir do momento que entro no contexto de pesquisa, na interpretação das práticas e comportamentos, no processo de entrevistas semiestruturadas até na elaboração da monografia.

Facto que me ensinou que o campo (terreno) está para o antropólogo quanto o laboratório para o químico. Rocha e Eckert (2008) afirmam que a forma como entramos para o campo condiciona, de forma significativa, as experiências a vivenciar nesse nível de pesquisa antropológica. Mesmo que existam prescrições para o contacto com o campo, vale recordar as palavras de Friedman (1999) citado pela De Oliveira (2022) na qual afirmou que o trabalho de campo ensina-se até um certo ponto, sendo que em grande parte depende da criatividade do investigador, uma lição por mim aprendida com a ajuda do meu supervisor.

## Capítulo 5

### 5.1. Breve caracterização do bairro do Maxaquene “B”

O bairro do Maxaquene é um dos bairros que se localizam na periferia da cidade de Maputo, e que administrativamente fica localizado no Distrito Urbano nº 3. É limitado a Norte pelo bairro do Maxaquene “D”, a Sul pelo bairro de Malhangalene “B”, a Este pelo bairro da Polana Caniço “A” e a Oeste pelo bairro do Maxaquene “C”.

Nas línguas faladas, distinguimos, *Xichangana* e *Xironga* e devido às suas similaridades, conseguimos observar que durante a fala dos nossos participantes, as ambas línguas são recorrentes e se influenciam. A língua portuguesa, é a mais falada, mas com misturas das línguas *Xichangana* e a *Xironga*.

Quanto ao agregado familiar, distinguimos três formas, das quais a maioria é constituída por 4 a 9 indivíduos, onde vive numa casa principal de alvenaria. Aqui encontramos o chefe de família, sua esposa, os filhos, primos ou irmãos do chefe de família ou da respectiva esposa. Neste contexto de estudo, este tipo de agregado, designamos por famílias alargadas.

Existem também famílias nucleares, compostas por pai, mãe e filhos. Neste tipo de famílias, o agregado familiar tem o intervalo de 4 a 6 indivíduos, neste caso o pai, mãe e os restantes são filhos. Por último, encontramos famílias compostas por avós e netos, mães e filhos, que constituem uma minoria no contexto deste estudo. Este tipo de família, designamos por monoparentais<sup>1</sup> que significa pessoa a que é considerada (homem ou mulher), encontra-se sem cônjuge ou companheiro(a) e vive com uma ou mais crianças.

Neste bairro, observamos que o mesmo é sócio e economicamente híbrido, pois existem famílias que estratificamente podem ser classificados em níveis baixo e médio. Os pais e encarregados de educação desempenham funções diversificadas, na sua maioria são comerciantes, alguns funcionários do Aparelho do Estado e os restantes funcionários dos sectores privados e domésticos. Nas actividades praticadas, distinguimos o comércio como a principal actividade económica desenvolvida neste bairro, que destina-se na venda de produtos diversificados, cuja sua maioria,

---

<sup>1</sup> Ver Seraceno Chiara (1992), no seu livro – Sociologia da Família

são produtos alimentares tais como: arroz, açúcar, batata, farinha de milho e de trigo, feijão, óleo, e diversidade de bebidas alcoólicas.

Quanto às actividades desempenhadas pelos rapazes e raparigas nas suas famílias, observamos que nas mesmas apesar da aparente divisão em função do género masculino e feminino, algumas actividades tais como: lavar loiça, varrer o quintal e dentro de casa e vender, menos a confeição dos alimentos, ambos os sexos as desempenham, mas com frequência prática nas raparigas.

Nas convivências quotidianas as raparigas jogam a neca<sup>2</sup>, mathokosana<sup>3</sup>, tufa<sup>4</sup>, pidjonce<sup>5</sup>, sobretudo tipos de entretenimento que lhes não afastam do recinto de casa, o que permite aos pais e encarregados de educação terem mais atenção em saber do que estudaram, trabalhos recomendados e das dificuldades em algumas lições.

Relativamente a criminalidade neste bairro, segundo o ministério do interior verifica-se uma diversidade e sofisticação criminal que se expressa em roubos, furtos simples e qualificados, fogo posto, abuso sexual, homicídio qualificado, ofensas corporais voluntarias simples, corrupção, crime contra a ordem e tranquilidade pública, crime contra as pessoas, tráfico de drogas e seres humanos etc. os crimes outrora mencionados, tendem a demonstrar uma tendência de redução comparativamente há 10 anos atrás, actualmente há uma tendência de recrudescimento de crimes passionais, roubos em casas, ofensas corporais e linchamento.

Em relação a sua estrutura organizacional, o Bairro possui uma sede designada por Círculo do Bairro, que é o Tribunal Comunitário, representado pelo Secretário do Bairro e Chefe dos Serviços Municipais. Abaixo do Secretário do Bairro, encontram-se (i) os Chefes de Quarteirões, (ii) os Chefes das Dez casas, (iii) Regulado, (iv) Chefe da Comissão Escolar da Comunidade e (v) o

---

<sup>2</sup> É formado por oito quadradinhos e com recurso a uma pedrinha, a participante lança a pedrinha até concluir os oito quadradinhos

<sup>3</sup> Para se jogar, abre-se uma cova muito pequena de formato de um círculo, onde põe-se doze pedrinhas. E com recurso a Uma bolinha, o jogador tira por cada pedrinha até acabarem todas na cova.

<sup>4</sup> Com recurso a uma bolinha, é efectuado por três participantes, mas que pode ter mais que três, formando equipas de jogo.

<sup>5</sup> Usa-se uma corda que para se jogar toma o formato de um cilindro. Normalmente, conta no mínimo com três participantes

Chefe dos assuntos sociais. É em função desta estrutura que as pessoas relacionam-se umas com as outras na resolução de qualquer tipo de conflito social que afecta o bairro.

A escolha do bairro para a pesquisa resulta de ser um dos focos bastante concorridos de migração, em que pessoas de diferentes pontos do país tem como escolha para instar-se aquando da migração a cidade de Maputo. Não só, o bairro do Maxaquene é caracterizado por uma conjuntura étnica bastante dinâmica, sendo composta por pessoas pertencentes à diferentes culturas, que vem movidos de diferentes factores.

## **5.2. Factores que desencadeiam a migração e sua natureza**

Como anteriormente apresentado no estudo de caso, as razões que levam as pessoas a migrar para a capital Maputo tendem comumente a serem as mesmas, entretanto o nosso estudo exploratório compreendemos que essas razões tendem a ser múltiplas e maleáveis, em alguns casos ganham configurações próprias, além da tendência que olha a cidade como o campo de possibilidades e oportunidades, encontramos narrativas sobre deslocamento por conta de guerras, tensão, conflitos familiares, feitiçaria nos locais de origem, como afirma o seguinte entrevistado:

*Eu saí na minha terra natal forçado, porque quando os meus dois irmãos morreram, foram ao curandeiro e ele disse que era eu que mantei os meus irmãos para ganhar mais riqueza, me acusaram de feitiçaria e se eu não tivesse fugido, eles teriam me matado.<sup>6</sup>*

Outro caso atípico encontrado no âmbito da pesquisa é da Marta, 39 anos, que afirma o seguinte:

*Eu cheguei a Maputo fugindo dos ataques terroristas em Cabo Delgado, na altura em 2018 atacaram na sede próxima e mataram muita gente, daí meu pai que trabalhava cá, mandou para que eu, meus irmãos e minha mãe, viajássemos para Maputo por questões de segurança, desde lá vivemos aqui e nunca mais voltei à minha província, hoje com os ataques que se intensificaram não regresso mesmo<sup>7</sup>.*

Os casos acima demonstram que as razões que levam indivíduos a migrar a cidade de Maputo são diversas e com histórico próprio, entretanto, como anunciado anteriormente a maioria dos casos de pessoas que migram a capital tem a ver com oportunidade e busca de melhores condições.

---

<sup>6</sup> Entrevista com Cláudio proveniente de Nampula, residente no Bairro de Maxaquene "B": 11 de Janeiro de 2023

<sup>7</sup> Entrevista com Marta, residente no Bairro de Maxaquene "B": 17 de Janeiro de 2023

A maioria dos nossos entrevistados, a expectativa de em Maputo encontrar trabalho ou melhores condições de vida é a característica comum. Eis dois exemplos:

*Nós lá em Nicoadala só íamos a machamba todos os dias, não havia emprego. A única coisa que podíamos fazer era arranjar uns pequenos trabalhos de partime nas machambas de outras pessoas” (Carlos, 36 anos migrante e residente no bairro do Maxaquene “B”).<sup>8</sup>*

*“Muitas pessoas vivem de qualquer maneira e eu quando saía da zona para a cidade via como outras pessoas viviam e apreciava. Foi por isso que saí daquela vida atrás de melhores condições” (António, 36 anos, migrante e residente no bairro do Maxaquene “B”).<sup>9</sup>*

Pelos depoimentos dos nossos entrevistados, observa-se que a vida nas zonas de origem é descrita como precária daí, a necessidade de migrar e buscar novas condições em locais que ofereçam mais e melhores oportunidades de vida. Os nossos dados mostram que as expectativas dos migrantes andam em torno da possibilidade de emprego e de formação. Em apenas um caso observamos que as razões da migração estão relacionadas com a busca de prazer e de diversão na cidade de Maputo.

Não obstante, encontramos casos em que as pessoas migram motivados por questões conjugais ou até mesmo matrimoniais, como é o caso da Irene, 28 anos:

*Eu conheci o meu parceiro na cidade da Beira no ano de 2013 quando frequentávamos a faculdade juntos, após conclusão, cada um voltou a sua terra natal, mas continuamos o relacionamento a distância, quando em 2018 este consegue um emprego estável me chamou à Maputo para vivermos juntos, só em 2021 que regressámos para dar o respeito em forma de lobolo, e de lá estou aqui.<sup>10</sup>*

No âmbito da pesquisa, encontramos varias razões de migração externa-internacional, como é o caso de Abubakar, cidadão Ruandês que está a 10 anos em Maputo:

*Em 2014 saímos juntos eu e a minha família para Moçambique com objectivo de phandar a vida, abrindo uma mercearia, quando chegamos a Moçambique o objectivo era instalar o negócio na província de Nampula, mas um amigo nos falou da cidade de Maputo, que é muito movimentada, destino de muitos moçambicanos e que engloba um fluxo populacional muito grande. Portanto, decidimos nos instalar no bairro do Maxaquene por ser um dos bairros periféricos em que tem muitas pessoas que necessitam de produtos de primeira necessidade e até hoje vendemos para muitas pessoas.<sup>11</sup>*

---

<sup>8</sup> Conversa com Carlos migrante e residente no bairro do Maxaquene “B”: 17 de Janeiro de 2023

<sup>9</sup> Conversa com António migrante e residente no bairro do Maxaquene “B”: 16 de Janeiro de 2023

<sup>10</sup> Conversa com Irene migrante e residente no bairro do Maxaquene “B”: 27 de Abril de 2023

<sup>11</sup> Conversa com Abubakar migrante e residente no bairro do Maxaquene “B”: 03 de Março de 2023

Outro caso de um indivíduo estrangeiro que com objectivo de comércio foi atraído a Maputo por conta da circulação e de liberdade de vida é o Abdul cidadão Congolês, de 40 anos:

*A razão que me levou a Moçambique foi de comércio, mas a escolha de Maputo foi mesmo por ser uma cidade divertida que bebe-se e curte-se muito e que têm boas mulheres, então decidi abrir uma mercearia/bar no bairro do Maxaquene “B”.*<sup>12</sup>

Damas de 26 anos, é migrante oriundo de Ruanda, relata conflitos armados e étnicos-raciais como razão dele e a sua família terem-se mudado e se instalado em Maputo definitivamente.

*Nosso país tem marcas de conflitos históricos que nos assombram até hoje, a minha família pertence a etnia Tutsi, muitos dos meus bisavós foram mortos por essas guerras, até hoje tem perseguições que levam muitas pessoas a se deslocarem e refugiar-se em outros pontos do mundo, a escolha de Moçambique e Maputo concretamente é por causa do meu Tio ter os negócios aqui, hoje eu que administro a sua mercearia e ele me paga no final do mês.*<sup>13</sup>

Contudo, nesta etapa pudemos constatar depoimentos que revelam razões como busca de oportunidade e possibilidade que são frequentes na literatura consultada, mas também constatamos razões e motivações que consideramos importantes para a pesquisa como é o caso da feitiçaria, problemas familiares, questões conjugais e matrimoniais que de uma forma resumida tentamos demonstrar nesta fase. Os conflitos armados, manifestações culturais e religiosas, entretenimento-diversão e até liberdade de circulação e de estilo de vida.

### **5.3. Relação estabelecida entre os residentes locais e os que saem das outras províncias e países**

A participação em redes sociais é considerada um dos vectores para a medição da integração social dos migrantes no contexto pesquisado. Segundo Maia (2002), as redes sociais se caracterizam pela presença de uma teia de relações sociais, de laços que os indivíduos estabelecem e que envolvem reciprocidade, cumplicidade e complementaridade nas acções e práticas dos seus integrantes.

Mas como demonstrado nas declarações de estudo de caso, essas relações são maleáveis, sendo muitas vezes caracterizadas por conflitos, rejeição, categorização pejorativa, etnocentrismo e até expulsão do bairro, entretanto, esses factores muitas vezes resultam na diversificação de sentidos culturais, falha ou resistência no processo de aculturação. Entretanto tivemos experiências de

---

<sup>12</sup> Conversa com Abdul migrante e residente no bairro do Maxaquene “B”: 06 de Fevereiro de 2023

<sup>13</sup> Conversa com Damas migrante e residente no bairro do Maxaquene “B”: 15 de Fevereiro de 2023

adaptação e superação favorável, em que os migrantes se inseriram e se integraram plenamente passando a serem considerados parte do bairro e da família acolhedora, seja por laços familiares ou arredamento.

Não obstante, no âmbito de relacionamentos estabelecidos, o processo de integração no âmbito da pesquisa é possibilitado pela criação de laços matrimoniais como afirma o seguinte entrevistado:

*Para mim, foi um pouco difícil integrar-me no bairro, tive que passar por um processo de adaptação, considerando que os hábitos daqui são diferentes de onde eu venho, por isso tive que aguentar tudo e ser paciente, mas comecei mesmo a me integrar quando conheci a minha actual esposa, que é daqui, ela foi como uma ponte para que eu fosse reconhecido como parte integrante<sup>14</sup>.*

Encontramos igualmente estratégias de inserção e integração a partir de laços étnicos, religiosos e círculos de inter-ajuda, na medida em que face as dificuldades que os migrantes enfrentam em Maputo os levam a se agregar em grupos onde podem, por um lado, estar num “espaço de iguais” onde ninguém os discrimina e, por outro lado, encontrar mecanismos e apoios necessários para começar uma vida em Maputo distantes da terra de origem. A título exemplificativo, observamos que, à excepção de um, todos os nossos entrevistados participam em grupos e círculos de amizades, sobretudo a igreja, espaços onde reafirmam suas raízes e se apoiam uns aos outros.

*Eu tenho amigos machuabos<sup>15</sup> como eu, nos fins de semanas nós nos encontramos, nos visitamos ou vamos beber uns copos numas esquinas qualquer<sup>16</sup>.*

*Tenho amigos aqui em Maputo e agente procura se encontrar sempre para saber como cada um está ou se precisa de apoio ou de ajuda em qualquer coisa que pode estar a precisar<sup>17</sup>.*

*Eu tenho amigos na igreja quase todos são de lá na zona. De vez em quando eu vou lhes visitar e eles também vêm para minha casa. Ter família é bom e aqui nós estamos longe de casa por isso devemos nos apoiar uns aos outros<sup>18</sup>.*

Nota-se que essa configura-se numa estratégia mais fácil para se sentir integrado, ou seja, é através de aderir círculos de amizades que o processo de integração tem sido menos doloroso, entretanto, constata-se uma limitação na medida em que estes se agregam em função do facto de serem

---

<sup>14</sup> Em conversa com um dos migrantes residentes há 8 anos no bairro do Maxaquene “B”: 15 de Fevereiro de 2023

<sup>15</sup> Grupo etnolinguístico Zambeziano de Maputo

<sup>16</sup> Migrante natural da Zambézia, residente no bairro do Maxaquene “B” há 5 anos: 15 de Abril de 2023

<sup>17</sup> Fernando, 57 anos migrante e residente no bairro do Maxaquene “B” há 20 anos: 14 de Abril de 2023

<sup>18</sup> Maurício, 31 anos, residente no bairro do Maxaquene “B” há 7 anos: 30 de Abril de 2023

zambezianos, crentes da mesma igreja etc., estes criam grupos restritos, frequentam poucos espaços de sociabilidade e, conseqüentemente, não se encontram integrados num contexto mais amplo da cidade de Maputo. Yves (1994) refere que a incorporação de novos valores inerentes ao espaço para o qual se migra, pode ser considerado um elemento para medir a integração social do indivíduo na sua “nova casa”.

Considerando que a pesquisa abrangia igualmente os “nativos” no processo de integração, muitos desses acabam se relacionando por conta de arrendamento de casas que estes migrantes procuram para residir e neste contexto procuramos explorar como têm-se configurado a relação entre esses indivíduos (nativos e migrantes). Encontramos várias narrativas que remetem a experiências de adaptação mútua. Como afirma um dos nossos entrevistados:

*“Eu considero os meus inquilinos como minha segunda família porque vivem aqui na minha casa não tem como não ter boas relações com eles porque não fica bem, sempre que há um problema procuramos resolver. Já tive uma inquilina que não nos entediamos a relação não era boa porque ela não cumpria com as regras que estabeleci e decide mandar sair daqui de casa por isso sempre tentamos ter boas relações.”<sup>19</sup>*

A explicação da entrevistada acima permite compreender que o facto de partilhar o mesmo quintal com os inquilinos, faz com que os tenham como parte da sua família e procura ter boas relações com eles quando os mesmos cumprem com as regras estabelecidas por ela. Outra situação sobre o assunto e que revela um processo de reciprocidade e cedência nos foi partilhada pelo Zito, 50 anos:

*“Passei a viver com pessoas de fora aqui em casa que estão a arrendar, então convivemos juntos e nos damos muito bem porque cumprem com as regras da casa. Só que não há mais aquela liberdade que eu tinha antes quando era eu e meus filhos porque existem coisa que passei a não fazer por ter pessoas de fora mais a relação com os meus inquilinos é boa aqui em casa.”<sup>20</sup>*

Os depoimentos acima nos leva a perceber que no início do arrendamento surge uma reestruturação das relações dentro do espaço das casas, que tornam significativa o que Da Costa e Rodrigues (2007) referem sobre o facto de o arrendamento unir famílias no mesmo espaço doméstico, onde surgem laços de solidariedade e reciprocidade, para além do cumprimento das regras estabelecidas uma ideia também partilhada por Kotharkar (2012) para quem em contexto de arrendamento o uso

---

<sup>19</sup> Judite, de 42 anos, mãe de três filhos, doméstica, residente no bairro Maxaquene “B: 20 de Maio de 2023

<sup>20</sup> Entrevista com Zito, residente no bairro do Maxaquene “B’ há 7 anos: 30 de Abril de 2023

do espaço e as relações entre os membros da família e a família visitante seguem regras influenciadas pela cultura existente.

Nesta etapa conclui que as relações e experiências de integração dos informantes são distintas. Alguns integraram-se com mais facilidade em relação a outros, alguns porque tiveram logo quem os ajudasse no processo, outros porque uniram-se e integraram-se no grupo de amigos. Outros ainda tiveram recomendações sobre o que fazer para integrarem-se na cidade de Maputo. Concluímos através das declarações que a relação entre os migrantes com os “nativos” tem sido configurada por conflito, cedências, adaptabilidade mútua de práticas comportamentais sob forma de consolidar a convivência conjunta, factor este demonstrado na pesquisa como sendo influente no processo de integração dos migrantes.

#### **5.4. Trajectória e experiências de integração dos migrantes (estudo de caso)**

Neste capítulo apresento a trajectória de integração de três migrantes com quem tive maior interação e que explorei a sua história de vida, o processo de inserção em Maputo e sua reprodução social no bairro do Maxaquene “B”.

Leonel, 34 anos, natural de Quelimane, província de Zambézia, residente na cidade de Maputo há mais de 10 anos e trabalhador na indústria ferroviária (CFM) há 7 anos, descreve a sua trajectória contextualizando as razões que o levaram a migrar na cidade de Maputo.

Em 2009 quando frequentava a 10<sup>a</sup> classe, destacou-se em sua turma e isso criou expectativas e desejos no seu pai em vê-lo a continuar os estudos em uma universidade na cidade de Maputo, essa foi a razão que levou-o a migrar em 2012, numa altura em que era o único que demonstrou maior interesse pelos estudos na sua casa. Após concluir o ensino geral, o pai propôs a ideia de ingressar a universidade.

Leonel afirma que era a esperança da sua família, entretanto tudo muda no ano de 2012 por acaso o primeiro ano de faculdade deste no curso de engenharia mecânica na (UEM) por conta da morte do seu pai. Motivo este que propiciou o seu regresso a Quelimane para participar nas cerimónias fúnebres e despedir-se do pai.

Com a morte do seu pai que era o principal provedor em sua casa, Leonel ficou sem condições de sustentar a faculdade, este afirma que o pai por ser um funcionário público, a família receberia um valor correspondente a seis meses e uma taxa que entraria mensalmente até que o ultimo filho completasse uma idade adulta, valor este que a mãe propôs que fosse usado para os seus estudos. Mas por conta da demanda e do valor não ser suficiente para sustentar os seus estudos e o sustento da sua mãe e seus três irmãos, este decidiu largar a faculdade e ingressar à um curso técnico profissional em 2013.

Esta foi a razão que fez Leonel regressar à Maputo e hospedou em casa da sua Tia (irmã da mãe) no bairro de Luís Cabral e por forma a ser responsável e independente começa a fazer uns pequenos negócios. Este vendeu diversos produtos, desde calçado, vestuários e carteiras na Baixa de Maputo durante os dois anos de estudos.

Em 2014 após o seu regresso das férias em Quelimane, a sua Tia alegou falta de espaço na casa onde vivia, e pediu para que este procurasse um outro local para morar. Não tendo mais um sítio para ficar, num dos intermédios com amigos, este conhece um amigo de um conhecido que o acolheu na sua casa na Matola 700.

Mas por conta da distância para a cidade de Maputo, e por que as suas economias estavam melhorando, este decide no final de 2014 arrendar um quarto no bairro do “Maxaquene C”, no início tendo apenas um fugão, um bidon, uma cadeira e uma esteira, e com tempo foi comprando os bens pouco-a-pouco.

A sua inserção no bairro, foi dolorosa, pois este afirma que era caracterizado por diversos nomes pelos “nativos”, desde *Xingondo*<sup>21</sup>, do mato, Maquilimane entre outros, facto que dificultou na sua integração no bairro e quase chegou perto de sair de lá, largar os estudos e regressar para a sua terra natal.

Mas tudo começa a mudar quando faz amigos pelo bairro, onde bebia cerveja, jogava futebol etc. facto que este afirma que é preciso ter paciência quando você chega num bairro como Maxaquene, porque os moradores conhecem-se muito bem e sempre olham torto para um viente, e parece mais

---

<sup>21</sup> Termo pejorativo usado para classificar migrantes provenientes da zona centro e norte.

um sistema de segurança para poder ver quem você realmente é, e isso eu tive que provar que sou honesto.

Em 2016, já com o curso técnico-profissional concluído, por meio de um concurso da CFM, conseguiu ser admitido como um técnico básico de máquinas, na qual trabalhou quase 3 anos, e depois foi promovido e passou a auferir um salário muito melhor, no ano de 2020 se casou e mudou-se para uma casa tipo 2 no Maxaquene “B” aonde vive até hoje.

Com o salário, conseguiu comprar o seu carro, começar a sua obra que já se encontra a fase final e prover uma vida condigna a sua esposa, os filhos, e igualmente aos seus irmãos que ainda vivem na cidade de Quelimane, a mãe acabou falecendo em 2017 de doença.

Gaidar, 27 anos, natural da Beira, Província de Sofala, residente na cidade de Maputo há 8 anos e trabalhador na indústria portuária (IP) há 5 anos. Diferente de Leonel que migra por conta de estudos, a migração de Gaidar é motivada pela procura de melhores condições e empregabilidade.

Contextualiza a sua trajectória de vida como tendo sido marcado por desafios e dificuldades extremas, desde a sua infância e afirma que a sua história foi determinante para que hoje se tornasse no que é. Igual ao Leonel, Gaidar perdeu o seu pai cedo, e essa perda mudou profundamente o rumo e os objectivos da sua vida.

Este afirma que antes da perda do seu pai, tinha o plano de continuar os estudos em uma universidade na cidade da Beira, entretanto, com a morte do seu pai em 2017 decidiu procurar emprego para ajudar nas contas da casa, sendo que a sua mãe e seus 4 irmãos não trabalhavam e sendo o mais velho, sentiu-se na responsabilidade de fazer algo para minimizar a condição da família.

Continuou dizendo que diferente de muitos, ele nasceu e cresceu em boas condições na medida em que o seu pai era um general do exército, e eles sempre tiveram do bom e do melhor, viviam em um apartamento no prédio localizado na Ponta Gêa na cidade da Beira. Os pais nunca contruíram casa própria, pós o salário que o pai auferia dava para pagar um bom apartamento e

não precisar necessariamente de construir uma casa própria, um erro que a família se deu conta quando o pai faleceu.

Foram obrigados a abandonar o apartamento que viviam e passar a arrendar uma casa tipo 1 no bairro da Munhava, Gaidar afirma, que esta fase tiveram um processo de adaptação muito forte, pois saíram do nível mais alto para o nível mais baixo possível, houve dias em que ficavam sem refeição e as famílias que eles tanto ajudavam quando o seu pai estava em vida, lhes deram as costas.

Em 2018 foi chamado pelo seu tio (irmão do pai) a Maputo, chegado aqui hospedou-se no Alto Mãe, o bairro que o tio mantém a residência, o tio propôs que ele ficasse e fosse cuidado por ele enquanto procura uma formação para fazer, enquanto não encontra um emprego. Mas ele não concordou muito com a ideia por conta da condição da família que requeria uma intervenção urgente, foi quando propôs ao tio para que fizesse um negócio de venda de bolachas, sumos e refrescos em uma barraca próximo ao mercado estrela vermelha, tendo o tio concordado e apoiado.

Com o que conseguia no negócio enviava para a sua família na Beira para pagamento de renda e compra de alguma comida, no mesmo ano, conseguiu fazer um curso de curta duração de aduaneiro, com a influência do Tio, conseguiu em 2018 trabalhar como técnico aduaneiro no porto de Maputo.

Com melhoria da sua condição financeira, este decide largar o negócio que fazia por conta do tempo e no princípio de 2019 decidiu procurar uma casa no bairro do Maxaquene “B” por forma a ganhar mais independência e privacidade. Tendo chegado ao bairro, afirma que a recessão foi agradável, principalmente por parte da família proprietária da casa arrendada.

Passados três meses, sofreu um roubo na casa e isso fez com que este reavaliasse o seu conceito sobre as pessoas do Maxaquene, fez com que se afastasse de muita gente, pois este suspeitava de quase todos ao seu redor, incluindo os proprietários da casa na medida em que o ladrão teria entrado com uma chave e não necessariamente arrombado a porta.

Este afirma que o primeiro sinal de normalização deu-se quando ficou próximo a um jovem da vizinhança que abriu-lhe o segredo, de que precisava despir-se do orgulho que carregava e passar a ser mais humilde, e até conhecer certos corredores e jovens que roubam pelo bairro, porque esta

acção poderia carimbar a sua existência enquanto pertencente ao bairro e que evitaria ser roubado novamente, na medida em que só são roubadas pessoas que não se apresentam naqueles corredores.

No início, Gaidar alegava ter sentido medo de conhecer esse tipo de gente, mas com a insistência do amigo este decide conhecê-los, chegado ao local, aliás numa barraca, abordou um deles e ficaram conversando com ele durante quase uma hora, foi quando outros integrantes começaram a chegar, foi pagando algumas bebidas secas “espirituosas”, muitas conversas foram surgindo e foram se conhecendo e criando afinidade.

Após algumas horas de bebedeira e partilha de experiências de vida, este começou a perceber que se tratava de jovens comuns, e passou a ser chamado e incluso em “Sociais” (festas de amigos), em diversas actividades dentro da comunidade e até aprendeu a jogar *ntxuva*<sup>22</sup>

Nestes sociais acabou conhecendo a sua actual esposa com que tem dois filhos e está actualmente a frequentar o segundo ano do curso de aduaneiro superior e foi promovido no seu trabalho. Afirma conhecer muito bem o bairro do Maxaquene “B” e caracteriza a população como sendo unida e solidaria, pelo menos para quem não é orgulhoso.

Diferente de Leonel, Gaidar afirma nunca ter sido caracterizado ou tratado por nomes pejorativos e termina dizendo que esta classificação surge na medida em que você ainda não se inseriu adequadamente na comunidade, por isso que é preciso fazer amizades, ver aquelas pessoas como se fossem sua família.

Maurício, de 31 anos, natural de Moatize, província de Tete, residente do bairro do Maxaquene “B” há 7 anos e trabalhador na Industria de Imobiliária e Móveis (Fábrica de Moveis Simbine) há 6 anos. Diferente de Leonel que vem a Maputo para estudar e Gaidar que vem em busca de melhores condições e oportunidades, Maurício migra para Maputo através da indicação ao cargo pelo seu antigo colega de carteira no curso de Gestão empresarial.

A trajectória profissional de Maurício inicia no ano de 2018 quando termina a licenciatura, na altura tinha o sonho de iniciar a sua própria empresa, mas os desafios que teve o fizeram desistir e

---

<sup>22</sup> É um jogo de tabuleiro, denominado de Xadrez Africano.

por intermédio do seu antigo professor, começou a dar aulas no instituto de geologia e minas de Moatize como um professor substituto provisório.

Após dois meses dando aulas, eis que o colega o convida para trabalhar em sua empresa em Maputo no ano de 2020, este afirma que foi uma oportunidade única, pois não imaginava que o maior emprego da sua vida fosse-lhe oferecido pelo seu colega com quem tinha menos contacto na classe.

Continuando, este sustenta que é importante ser amigável e tratar bem a todo mundo, independentemente de *status* social, aparência, raça e etnia, pois quem vai ajudá-lo amanhã pode surpreendê-lo.

Após o convite, este viaja para Maputo, chegando hospeda-se em casa do primo de 2º grau da parte do pai no bairro de Malhangalene, aonde viveu durante 3 meses até que tivesse condições suficientes para arrendar a própria casa. Descreve a temporada que viveu no bairro de Malhangalene como turbulenta, na medida em que a sua relação com o primo não era boa e nem com a vizinhança.

Ele afirma que não teve uma boa recessão e a solidariedade que teve não era o que este esperava encontrar, declarando que além dos indivíduos serem barrulhentos eram malcriados, pois tinha vezes que este trabalhava em casa e alguns jovens se instalavam ao redor da casa com som “Bluetooth móvel” e quando esse fosse pedir educadamente estes para que desligassem ou fizessem menos barulho, era insultado e estes alegavam não ser terra de “xingondo”.

Entretanto, este classificando a sua primeira impressão de Maputo como negativa, sustenta que teve uma inserção não muito boa, facto que propiciou a sua saída antecipada da casa do seu primo para sua própria casa. Falando do primo este decidiu não aprofundar, mas afirma que o sentido de família não era notável na sua relação, ou seja, parecia um fardo para ele.

Após sair a casa do primo, Maurício decide arrendar uma casa tipo 1 no bairro da Polana caniço, este descreve a sua adaptação como razoável, tirando o facto de que os donos da casa eram bastante vigilantes e muitas das vezes invadiam a sua privacidade, um total comportamento de desrespeito nas suas palavras. Continuou alegando que, os donos da casa não permitiam ele trazer mulheres na casa, por ser um quintal de família além de outras regras que lhe foram impostas após ter-se instalado na casa.

Ele nunca se adaptou as vivências do local em que estava a arrendar porque parecia uma prisão sendo que este pagava para lá estar. Entretanto, as coisas melhoram quando começa a frequentar a igreja adventista do sétimo dia do bairro do Maxaquene “B”, onde criou uma boa relação com os crentes e membros da igreja e através dessa relação foi aconselhado a se mudar para a casa de um irmão que frequentava a igreja no bairro supracitado.

Tendo se instalado no bairro do Maxaquene “B”, este fortificou laços com os Irmãos e que formam se estendendo à pessoas fora da igreja, afirma que nesses bairros, cada família carrega consigo valores e formas de ver as coisas diferentes, você tem que ser capaz o suficiente de ver e escolher quais regras e valores pretende se submeter, porque é injusto você viver em uma casa em que te oprimem e que não concorda com a forma de ser e estar.

Este conclui dizendo que, Maputo é difícil para uma pessoa que nasceu no norte e centro, a socialização é influenciada pela língua, quando você domina a língua torna-se mais fácil.

### **5.5. Soluções elaboradas pelas instâncias comunitárias para o desenvolvimento e a manutenção dessa relação.**

No contexto da pesquisa tínhamos o objectivo de explorar as ações elaboradas pelas instâncias comunitárias face as relações entre os indivíduos que migram no bairro e os residentes locais, na tentativa de compreender quais mecanismos são adotados não só para acompanhar, mas também ajudar no processo de integração dos migrantes.

Para tal, pudemos testemunhar e ter declarações sobre formas de acompanhamento aos migrantes que chegam no bairro, o processo de apresentação com as lideranças locais e maleabilidades existentes nesta ponte com as lideranças comunitárias, tal como declara o informante abaixo:

*Quando as novas pessoas chegam para arrendar aqui, nós aconselhamos aos arrendadores para que venham nos apresentar essas pessoas para sabermos que em casa de Macamo vive aquela pessoa, porque além de ser para a segurança da pessoa que vem arrendar, também é para a segurança dos donos da casa, porque tem vezes que assistimos casos em que os cidadãos daqui acabam albergando ladrões ou até mesmo assassinos.<sup>23</sup>*

---

<sup>23</sup> Chefe do quarteirão 14 do bairro do Maxaquene “B”: 02 de Janeiro de 2023

Como demonstra a declaração acima, os mecanismos de acompanhamento tem como princípio básico garantir a segurança mútua, mas não serve apenas para isso, o nosso informante continuou dizendo o seguinte:

*Muitas das vezes as pessoas que chegam não são apresentadas a nós como líderes, ficam muitos anos sem conhecer essas pessoas, só chegamos a conhecê-los quando tem problemas ou quando precisam de um documento do bairro, como declaração etc. (Chefe do quarteirão 14 do bairro do Maxaquene “B”).<sup>24</sup>*

Outro informante declarou o seguinte:

*Muitas das vezes as pessoas que não são apresentadas estão vulneráveis à extorsão, existem alguns dos nossos colegas que não são honestos, gostam de se aproveitar da situação dessas pessoas fazendo cobranças especulativas de valores exorbitantes, o exemplo é, veja que para o tratamento da declaração do bairro com o chefe do quarteirão são 100 mtn, mas existem alguns que cobram 300 há 500 e quando chegam aqui no círculo nós cobramos o valor do carimbo, que são 50mn.<sup>25</sup>*

As declarações acima mostram que existem maleabilidades e estratégias corruptas no processo de emissão de documentos comunitários, tal como apuramos nas nossas entrevistas, muitas das vezes essas práticas têm consequências graves pois, o facto de emitir um documento para uma pessoa que você não conhece faz com que as vezes trate documentos para uma pessoa que nem faz parte ou vive no bairro.

No outro momento, procuramos saber sobre o mecanismo adoptado para resolver os problemas no âmbito de relacionamento com a comunidade local que os migrantes enfrentam no processo de integração, entretanto, as declarações mostram que a liderança não encontra-se estruturada para intervir nestes problemas, tratando os casos dos migrantes da mesma forma que dos residentes locais “nativos”, como afirma o entrevistado abaixo:

*É difícil a gente intervir, têm vezes que os problemas que essas pessoas enfrentam tem a ver com os donos da casa em que vivem, nós não podemos opinar nas regras da casa do outro, isso seria impor como eles deveriam fazer em sua casa, mas tentamos intervir quando esta situação sai do controle ou quando uma das partes nos procura, como por exemplo, casos como agressão, insultos etc., intervimos na intenção de não vermos coisas piores, como é o caso de dois inquilinos que acabaram assassinando a proprietária da casa no barro de Maxaquene “C (chefe do quarteirão 18 no bairro do Maxaquene “B”).*

---

<sup>24</sup> Entrevista com chefe do quarteirão 14 no bairro do Maxaquene “B” : 02 de janeiro de 2023

<sup>25</sup> Em conversa com o Secretário do bairro do Maxaquene “B” : 04 de maio de 2023

Continuando, o entrevistado olha a configuração dos migrantes como preocupante para os nativos, pois nem todos integram-se completamente, seja pela discriminação ou por mau comportamento duma das partes, afirmando o seguinte:

*É complicado falar sobre esses assuntos, mas existem casos em que há discriminação tanto por parte dos nativos, assim como por parte dos vientes, mas nós tentamos transmitir a ideia de que todos somos moçambicanos e não devemos nos odiar uns aos outros somente por causa de diferenças culturais.<sup>26</sup>*

Contudo, percebemos que os sistemas de controlo comunitário no âmbito de integração de migrantes carecem de melhoramento, pois, no âmbito da pesquisa notamos a ausência interventiva na manutenção da relação entre os residentes do bairro e os migrantes, estando as partes a mercê de adaptação própria, entretanto constatamos que há uma falta de vontade dos arrendadores apresentar os inquilinos a estrutura do bairro, estando esses a revelia da liderança comunitária.

---

<sup>26</sup> Em conversa com o Secretário do bairro do Maxaquene “B” : 04 de maio de 2023

## Capítulo 6

### Considerações Finais

Esta pesquisa tinha como objectivo central analisar factores apelativos à migração e processos de integração no Bairro do Maxaquene “B”, com vista a identificar as razões que levam os indivíduos a migrarem à Maputo; A natureza da relação estabelecida entre os residentes locais e os que saem das outras províncias e países; As trajectórias de integração social dos migrantes; E por fim, comparar as soluções elaboradas pelas instâncias comunitárias para a manutenção das relações face aos migrantes.

Para a realização do trabalho recorri à revisão da literatura e a recolha de dados entre habitantes do bairro do Maxaquene “B”, e também fiz a recolha de dados nas lideranças locais, com recurso às técnicas de observação participante intensiva, estudo de caso, entrevistas semiestruturadas, conversas formais e informais, o uso de fotografias e voz.

Relativamente ao processo de integração, argumento que a inserção e integração urbana e as relações estabelecidas são fortemente marcadas por desafios de adaptabilidade nas vivências por parte dos migrantes e condicionantes de aceitação por parte dos “nativos”, facto que muitas das vezes acaba provocando uma crise de identidade e apropriação mútua de preceitos culturais por ambas partes.

Não obstante, o estudo mostrou que os factores apelativos à migração e processos de integração tendem a ser dinâmicos, facto que precisam ser compreendidas na sua matriz concreta e contextual, neste âmbito as perspectivas de Agier (2011) e Moura (2013) possibilitaram compreender que as experiências e vivências em contextos urbanos, possuem configurações específicas e isso as torna interessante em compreendê-las contextualmente distanciando-se das narrativas que tendem a homogeneiza-las.

Por meio de perspectiva do “Campo de Possibilidades” de Velho (1973: 91), a pesquisa possibilitou-me a chegar ao argumento de que a cidade de Maputo constitui um lugar que atrai diversos indivíduos por conta de ser o centro iniciador e controlador da vida econômica, política e

cultural, neste contexto as migrações tanto internas assim como de natureza internacional são em grande parte motivadas pela forma como a cidade é categorizada e pensada.

O estudo desafia as abordagens convencionais em torno de migração e integração, os casos específicos em torno de fluxo migratório que a pesquisa trouxe revelam que podem ser configuradas como, maleáveis, subjetivas, heterogêneas e conflitivas. Igualmente o estudo conclui que os processos de integração são fortemente influenciado pelo processo de adaptação, a forma como os indivíduos olham a cultura, os hábitos, valores e práticas do contexto em que está inserido.

## Referências bibliográficas

- Agier, M. 2009. “Situações elementares da vida urbana”, in Cordeiro, Graça e Frogúlio Jr, Heitor (trad). *Antropologia da Cidade: Lugares, Situações, Movimentos*. São Paulo: Editora Terceiro Nome. pp. 89-99.
- Araújo, M. e Raimundo, I.1999. In: gazeta demográfica, Universidade Eduardo Mondlane, cep, projectos MOZ/B98P08, Set. /99
- Araújo, M. 1997. *Cidade de Maputo, Espaços, Constrangimentos: Do Urbano ao Rural*. Edição *Finisterra*, XXXIV.pp.175-190.
- Basham, R. 1978. *Rural-Urban Migration and the growth of cities*, in: Urban Anthropology. The Cross-Cultural Study of Complex Societies. Mayfield: Publishing Company.
- Beaujeu-Garnier, J. 1997. Geografia Urbana. Lisboa: fundação caloste Gulbenkian
- Bilale, C. 2007. *Mulher Migrante na cidade de Maputo*. [Tese de Mestrado]. Maputo: UEM/FLCS/CEP
- Cardoso de Oliveira, R. 2006. “ O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever”, in *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: Editora UNESP. pp 17-35
- Colaço, J. 1998. Os vendedores informais do mercado do museu, Maputo: CEA.
- Conselho Municipal de Maputo. 2022. Caracterização Geográfica e Historia da Cidade de Maputo. Maputo: Disponível em: [http://www.cmmaputo.gov.mz/?page\\_id=119](http://www.cmmaputo.gov.mz/?page_id=119) (Consultado 14 de Agosto de 2024).
- De Oliveira, D. 2022. *Entre a espada e a parede: Narrativas de mulheres acima do peso sobre a violência e trauma antes e durante os cuidados do corpo*. [Tese de mestrado]. Maputo: UEM.
- Da Costa, A e Rodrigues, C. 2007. Estratégias de Sobrevivência de Famílias em Luanda e Maputo. Lisboa: Livros editores, Pp: 113-122.

Deshpande, R. e Kotharkar, R. 2012. Dwellings then and now: A topological approach for privacy analysis of ‘Wada’ and modern houses. India

Eckert, C. Rocha, A. 2008. “Etnografia: saberes e práticas”. In: Céli Regina Jardim Pinto e César Augusto Barcellos Guazzelli. (Org.). Ciências Humanas: pesquisa e método. Porto Alegre: Editora da Universidade, p. 9-24. Série Graduação.

Franze, J. 2021. Espaços municipais moçambicanos no contexto da criminalidade: uma análise de homicídios e assaltos à mão armada em Chimoio, Gondola e Manica (Tese de Doutorado), Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná. CURITIBA

Fry, P. 2011. *Nas redes antropológicas da Escola de Manchester: reminiscências de um trajeto intelectual. Iluminuras*, Porto Alegre. 12, (27): 1-13.

Gluckman, M. 1987. “Análise de Uma situação social na Zululândia Moderna”, in Feldeman-Bianco, Bela (org) *Antropologia das Sociedades Contemporâneas-Métodos*. São Paulo: Global Universitária. pp. 227-262.

INE (2007). Estatísticas Sociais e Demográficas de Moçambique (ESDEM). Maputo: Disponível em: [http://www.ine.gov.mz/esdem/esdem\\_manual](http://www.ine.gov.mz/esdem/esdem_manual) (Consultado 18 de Abril de 2022).

Lemos, M. 1987. “Maputo, deste lada da baía. Considerações sobre a toponímia da cidade”. *Arquivo, Boletim semestral do Arquivo Histórico de Moçambique*, (2), 5-18.

Lia, S. 2011. O’” sucesso da vergonha” estudo de caso: zambezianos no mercado estrela vermelha em Maputo (Tese de Licenciatura), Maputo: UEM/FLCS/DAA.

Loforte, A. 2000. “Mulher, Tradição e Modernidade”. *Carlos Serra Conflito e Mestiçagem*. Maputo: Imprensa Universitária, pp. 35-52

\_\_\_\_\_ 1987. Migrações e a Sua Relação com o meio Rural in: *Trabalhos de Arqueologia e Antropologia*.

Low, M. 1996. “The anthropology of cities: imagining and theorizing the city”. *Annual Review of Anthropology* 25: 383-409.

- Magnani, J. 2002. “De perto e de dentro: Notas para uma etnografia”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 49 (17): 11-29.
- Manjate, N. (2007) *Integração dos imigrantes em contextos Urbanos: o Caso dos Alfaiates de Nampula no Bairro do Altó Maé*. (Tese de Licenciatura em Antropologia não Publicada), Maputo: UEM/FLCS/DAA.
- Maia, R. L. 2002. “Migrações e Redes de Relações Sociais em Meio Urbano: Um Exemplo a partir do Porto”. S/L: *Revista de Demografia Histórica*.
- Malinowski, B. 1976. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural.
- Marconi, M. Lakato, E. 2003. *Fundamentos de Metodologia Científica*. 5aed. São Paulo: Atlas,
- Moura, C. 2013. “Apresentação: O urbano e suas múltiplas dimensões”. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (UnB): *Anuário Antropológico*, (2): 9-15.
- Nagami, I. 2014. “Do trabalho do campo a escrita etnográfica: breves reminiscências sobre o fazer antropológico”. In *Antropologia das sociedades contemporâneas*, org. XXV semana de ciências sociais, Londrina.
- Oliveira, A. 2022. *Regulamentação urbana enquanto factor de conflitos: diálogos e vivências na organização do comércio informal nos passeios da Baixa da Cidade de Maputo*. (Tese de Licenciatura), Maputo: UEM/FLCS/DAA.
- Oucho, J e Gould, W. 1996. *Changements Démographiques Au Afrique Subsaharienne*, Chier No135, France, Ined-Puf.
- Pires, R. 2003. *Migrações e integração: teoria e Aplicações à Sociedade Portuguesa*. Oeiras: Celta Editora.
- Peixoto, J. 2004. “As Teorias explicativas das migrações: teorias micro e macro-sociológicas”. Lisboa: Socius Working Paper, nº 11/ 2004.

Pina Cabral, J. 2006. “Reflexões Finais”, in Lima, António e Sarro, Ramon (org). *Terrenos Metropolitanos: Ensaio Sobre produção etnográfica*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais / Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Pp.117-192.

Ribeiro, N. 2013. *O novo olhar sobre a cidade: uma perspectiva histórica da antropologia urbana no Brasil*. Monografia de Bacharel em Ciências Sociais. Brasil: Universidade Federal de Juiz de Fora, pp. 1-45.

Salgueiro, T. 1992. *A cidade em Portugal: Uma geografia urbana*. Porto: Afrontamento. Santos, Milton.1985. *Espaço e Método*. São Paulo: Nobel.

Velho, O (org.). 1973. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro, Zahar Editores.

Yin, R. 2001. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman.